

A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ATENÇÃO ÀS MÃES ADOLESCENTES ABRIGADAS E OU EM SITUAÇÃO DE RUA

Fernandes, Gleice da Silva¹
Soares, Beatriz Yuan²
Penna, Lucia Helena Garcia³
Carinhanha, Joana Iabrudi⁴

Introdução: A adolescência é a fase do desenvolvimento humano marcada, principalmente, pela formação de uma identidade social, e por isso mesmo determinada pela cultura e contexto social no qual a adolescente se insere, construindo e incorporando as diferenças sociais entre homens e mulheres. Quando esta fase permeada por interrogações, desafios, contradições e conflitos é atravessada pela violência, torna-se preocupante suas repercussões negativas para a estruturação emocional e a consequente construção de projetos de vida⁽¹⁻²⁾. A vulnerabilidade aos agravos a saúde determina, então, a necessidade de atenção especial e específica ao adolescente, ser plural e diversa, com ações calcadas nas diferenças construídas, mantidas e transformadas na vida social³. Em se tratando de jovens em situação de abrigo/rua o processo da adolescência se complica ainda mais, pois se trata de uma parcela da população cujos direitos são constantemente negados. Acredita-se que estes jovens vivenciam cotidianamente, constituindo sua forma de ver e estar no mundo, a violência estrutural. E ao buscarem os dispositivos de abrigo, parecem clamar por um local de referência, com certa disciplina, cuidado e caracterização de uma identidade social⁽⁴⁾. É necessário que nessas instituições compreenda-se o funcionamento das adolescentes em seu processo de sobrevivência, seus mecanismos de enfrentamento de tantas situações adversas para promover ações de cuidado que alcancem suas reais necessidades. Os profissionais de saúde e de abrigos podem ser o facilitador desse processo, aquele que auxilia a desvelar a realidade, apresentando fatos, situações sobre a mesma e indagando como os processos ali ocorrem, gerando discussão e reflexão que poderá resultar em ação transformadora⁽⁴⁾. Nesse sentido, as ações educativas caracterizam-se como tecnologias de cuidado fundamentais no processo de conscientização das jovens mulheres em situação de rua para a sua realidade, para

¹ Interna de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UERJ.

² Interna de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UERJ.

³ Prof^a Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e do Dept^o de Enfermagem Materno infantil da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Coordenadora do Projeto fomentado pelo CNPq: A saúde reprodutiva e sexual de mulheres e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UERJ, Professora Substituta do Departamento Materno-infantil da Faculdade de Enfermagem da UERJ, Enfermeira do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

o reconhecimento de seus direitos de saúde, suas necessidades, despertando-as na busca por uma qualidade de vida, promoção da saúde e prevenção de agravos (auto-cuidado). Diante desse contexto, têm-se como **objetivos** identificar e analisar as necessidades de saúde referentes a maternidade de jovens mães adolescentes abrigadas; e elaborar uma proposta de educação em saúde para o atendimento as necessidades das mães adolescentes abrigadas em relação ao seu processo de maternidade; desenvolver inovações tecnológicas de assistência por meio de ações educativas em saúde que permitam as adolescentes refletirem diante de suas vivências nas ruas. **Metodologia:** Foi escolhida a abordagem qualitativa, e como fonte primária dos dados, foram utilizados relatórios construídos por acadêmicos cursando o sexto período da graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FENF/UERJ), a fim de levantar o perfil e as necessidades de saúde de mães adolescentes abrigadas. Estes relatórios foram produzidos através da prática de ensino no campo, com supervisão de docentes da Subárea de Saúde da Mulher, realizada em abrigo da rede municipal da Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS/RJ). Para interpretação dos dados coletados nos relatórios, foi utilizada a modalidade temática da técnica de análise de conteúdo⁽⁵⁾. Dessa análise surgiu a categoria “temáticas para trabalho de educação em saúde”. A partir disso, em parceria com um projeto de extensão que se propunha a realizar atividades educativas com as adolescentes iniciou-se o desenvolvimento de ações educativas dialógicas junto às adolescentes, acadêmicos (graduação e pós-graduação) e profissionais do abrigo. **Resultados:** Os relatórios identificaram, primeiramente, a necessidade de atividades de lazer e de ações educativas para as adolescentes abrigadas, já que no abrigo notou-se ausência de atividades recreativas e/ou pedagógicas. Estas atividades, segundo os estudantes, devem estar associadas ao propósito da prevenção de agravos e promoção da saúde. Os tópicos de maior destaque nos relatórios no que diz respeito às temáticas a serem abordadas nas atividades de educação em saúde foram as questões da violência, uso de drogas, sexualidade, autocuidado em saúde sexual e reprodutiva, cuidados de saúde para com os filhos. Para a exploração destes assuntos, os estudantes enfatizaram a utilização da estratégia de trabalho em grupo, partindo do pressuposto da ação dialógica e da construção compartilhada, utilizando-se de modalidades como os grupos de discussão, atividades lúdicas, dramatizações, entre outros, e conferindo assim uma posição ativa à adolescente na construção do seu conhecimento e no desenvolvimento das suas práticas de autocuidado em saúde. Para eles, a ação educativa é uma maneira de compartilhar experiências e adquirir orientação. Nesse contexto, em parceria com o projeto de extensão da FENF/UERJ foram desenvolvidas ações educativas, cujo eixo principal é a saúde reprodutiva

e sexual. As discussões desenvolvidas sobre a saúde sexual e reprodutiva dessas jovens focaram na prevenção, reconhecimento das manifestações das DSTs e seus tratamentos; cuidados com o corpo, assim como o reconhecimento da própria anatomia; preconceitos a cerca da prática sexual feminina. **Conclusão:** Torna-se complexo falar sobre autocuidado com adolescentes que vivenciam a situação de desafiliação, uma vez que estas jovens parecem desconhecer e estranhar não só os cuidados de saúde, mas também a anatomia e o funcionamento de seus próprios corpos. As mães adolescentes desafiadas, portanto, apresentam importantes necessidades de saúde, cuja complexidade de fatores determinantes demanda um cuidado numa perspectiva mais ampla considerando seu contexto de intensa vulnerabilidade psicossocial com estratégias e articulações em âmbito interdisciplinar e intersetorial. Por um lado, trata-se do trabalho de educação em saúde com as adolescentes que pressupõe fundamentalmente a escuta sensível, construída a partir da compreensão da história e concepções de vida das jovens, especialmente em momentos de resistência das mesmas, de forma que o profissional consiga suportar suas hostilidades e carências, suas mudanças de humor e comportamento. As ações educativas no abrigo permitem reflexões e quebra de paradigmas acerca do modo de viver das adolescentes abrigadas; modificam preconceitos sobre sua vivência nas ruas e organização familiar. **Contribuições para enfermagem:** O abrigo se estabelece como novo espaço de atuação para profissionais de saúde, em especial o enfermeiro, agente por excelência educador, com relevante papel no atendimento desses adolescentes na minimização e prevenção de riscos e agravos. O contato direto com a realidade dessa clientela específica e vulnerável à violência estrutural, possibilita que os profissionais possam ser formados e capacitados numa perspectiva humanizada, integrada e com base na realidade da clientela.

Referencias

- 1- Carinhanha, J I; Leite, LC; Penna, LHG. Minha arma é a mão: a violência como forma de resistência. In: Leite, LC; Leite, MED; Botelho, AP. Juventude, desafiliação e violência. Rio de Janeiro: Contra-capá, 2008. p.141-54.
- 2- Gomes, R. A Violência enquanto agravo à saúde de meninas que vivem nas ruas. Cad. Saúde Pública, 1994a, 10(1), p. 156-167.
- 3- Ramos, FRS. Bases para uma re-significação do trabalho de Enfermagem junto ao adolescente. Apud ABEN – Associação Brasileira de Enfermagem. Adolescer: compreender, atuar, acolher: Projeto Acolher. Brasília: ABEN, 2001a, p.304.
- 4- Penna, LHG; Carinhanha, JI; Leite, LC. A prática educativa de profissionais cuidadores em abrigos: enfrentando a violência vivida por mulheres adolescentes. Rev Latino-am Enfermagem, 2009, 17(6).



5-Bardin, L. Análise de Conteúdo. Edições 70, 2010.

Descritores: Educação em Saúde; adolescente institucionalizado; saúde do adolescente.

Áreas temáticas: Produção Social e Trabalho em Saúde e Enfermagem